

DEBATE

QUEM TEM MEDO DO HOLISMO?

Kanavillil RAJAGOPALAN (Universidade Estadual de Campinas e  
Visiting Scholar, Universidade da Califórnia, Berkeley)

*ABSTRACT: As a metaphysical stance, holism has more often than not been simply taken for granted. Philosophers as diverse as Frege (at least, on one interpretation, due mainly to Quine), Wittgenstein, Austin, Quine, Davidson, Lewis, Dennett, Block, Devitt, Putnam, Rorty and Sellars, as well as those working in the areas of A.I. and Cognitive Psychology, Structuralist Linguists and the French literary theorists are generally regarded as having, in one way or another, subscribed to holistic forms of thought. Given the awe-inspiring hegemony of holism in today's academic world - especially after the disintegration of the Vienna Circle and logical positivism, the recent appearance on the market of a book by J. Fodor and E. LePore, with the modest title *Holism: A Shopper's Guide*, deserves to be seen as most timely and welcome - if only for the reason that it promises to stir up some fresh controversy. The present review article is an attempt to survey the scenario, estimate what the stakes are and hazard some guesses as to what we may expect to see by way of possible reactions to the challenge posed by the book.*

De tempos em tempos, um certo campo de saber se vê repentinamente em meio a um verdadeiro abalo de proporções sísmicas. E quase sempre isso ocorre em razão da reativação de uma idéia bem simples (do tipo "O Rei está nu") que ficou esquecida e esmagada debaixo de uma tradição respeitável e sólida. Sem pensar em Copérnico ou Einstein, foi certamente o que aconteceu - é claro, em escala menor - em 1931 no mundo da matemática quando Gödel publicou - despreziosamente e numa revista austríaca de pouca repercussão - a sua famosa prova de incompletude. Sem sombra de dúvida, podemos dizer que em 1959 havia chegado a vez da lingüística com a publicação da resenha de *Verbal Behavior* de B.F. Skinner, por Noam Chomsky.

É novamente a vez da filosofia, cuja história geofísica já registrou inúmeros outros abalos. Trata-se do livro *Holism* de Jerry Fodor e

Ernest LePore (1992), que traz como sub-título desprezioso e jocoso '*A shopper's guide/ Um guia para o comprador*'. Trata-se nada mais, nada menos que de um questionamento cerrado e detido e de um rigor impressionante do próprio conceito de holismo e as razões que têm sido mobilizadas para que ele viesse ocupar o lugar outrora ocupado pelo atomismo.

Para se ter uma idéia das exatas dimensões da ameaça que representa o livro de Fodor e LePore, basta notar que, como lembram os autores (p.7), filósofos tão variados como Frege, Wittgenstein, Austin, Quine, Davidson, Lewis, Dennett, Block, Devitt, Putnam, Rorty e Sellars, quase todos que atuam nos campos da Inteligência Artificial e Psicologia Cognitiva e lingüistas de cunho estruturalista (entenda-se, grosso modo, de orientação pré-chomskiana) e todos, sem exceção, que trabalham na crítica literária de inspiração francesa estão na mira. "Deve haver algum furo sério naquele raciocínio" é o que exclama John Searle (comunicação pessoal) que confessa ainda não ter tido o tempo suficiente para amadurecer sua opinião a respeito. Tal comentário, porém, acena para o franco reconhecimento de que um eventual êxito da proposta lançada por Fodor e LePore implicaria, entre outras coisas, no sepultamento definitivo de *todas* as propostas semânticas de ordem internalista - a sua própria inclusa - que já se encontram em crise, desde que foi lançada - no início da década de 70 - a alternativa externalista por um grupo de filósofos, entre eles Kripke e Donnellan, e em cujas fileiras cada vez mais crescentes se encontram nomes como Putnam (da fase do argumento sobre "terra-gêmea"), Burge, Kaplan, Perry e outros (em sua maioria, associados à UCLA).

Afinal, o que é que este livro traz que tanto incomoda os arraias consagrados da Establishment Philosophy? Em termos gerais, podemos afirmar que o holismo já não é mais algo que aqueles que nele repousam fê incondicional, se vêem na necessidade de defender. Quando Frege nos diz (em 'Sentido e referência') que "Só no contexto de uma sentença é que uma determinada palavra tem seu sentido", ou quando diz Wittgenstein (em *Investigações Filosóficas*) que "Compreender uma sentença é compreender toda a linguagem", ou quando Davidson se inspira nos dois últimos para decretar que "Só no contexto de uma língua é que uma sentença (e portanto uma palavra) tem seu significado" (Davidson, 1984:122) - todos eles estão entregando-se à tese holista (p.ix). A eles se juntam J.L.Austin que em seu 'The meaning of a word' descarta a propriedade de se perguntar "Qual o significado de uma

palavra?", recomendando como a pergunta certa "Qual o significado da palavra x?", e acrescentando logo em seguida que, no fim das contas, a pergunta deverá se remeter ao enunciado todo em que se encontra a palavra em questão. Também está nesse mesmo campo John Searle, para quem, de acordo com sua atual posição, a compreensão de um enunciado só se dá no contexto de uma rede (network) de crenças etc. e também um pano de fundo (background) de capacidades e disposições que em si nada têm a ver com significação. Da mesma forma, boa parte da nossa prática rotineira de apelar para o famigerado "contexto" para resolver questões de ambigüidade e vagueza também esconde a aceitação tácita do holismo. É o caso quando se diz, por exemplo, que a palavra 'manga' quer dizer algo no contexto "A ..... da minha camisa rasgou" que não tem nada a ver com o que ela significa no contexto "A ..... que comprei na feira era deliciosa", ou quando Bertrand Russel conclui que o artigo definido em inglês 'The' por si só não quer dizer nada, só contribui para que "The F is G" seja uma sentença bem definida, ou ainda, quando alguém diz que [Empedikl̄:s li:pt] significa que fulano saltou em inglês, mas em alemão quer dizer siclano amou - e assim por diante.

Um questionamento sério das nossas bases da aceitação incondicional do holismo implica, como os dois autores do livro sob exame bem sabem, provocar ondas de temor e intranqüilidade em áreas como a filosofia, a lingüística etc., onde há algum tempo reina relativa estabilidade nesse sentido, fazendo com que surja a necessidade de se reverem praticamente todas as perguntas fundamentais - entre elas, as que dizem respeito à composicionalidade do sentido, ao papel dos princípios normativos, à racionalidade e suas ligações com significação, à possibilidade de um argumento a priori contra ceticismo, à relação linguagem/mundo etc. etc.

A estratégia de Fodor e LePore, por sinal muito bem pensada e trabalhada, é definir o holismo, não em oposição direta ao atomismo, mas como um caso particular (e exarcebado) de 'anatomismo' (ao que parece, um neologismo que se justifica pela oposição fono-morfológica ao 'atomismo' quando analisado em an + atomismo e que contudo pode despistar desnecessariamente o leitor desavisado). 'Ser anatômico' (assim como 'ser atômico') é uma propriedade de ordem mais elevada, ou seja, é um predicado que atua sobre outros predicados. Uma propriedade é anatômica quando estiver sujeita à condição de que se algum objeto possuir tal propriedade, ao menos um outro objeto

também terá que possuir a mesma propriedade. Exemplo: 'ser vizinho'. Se eu for um vizinho, necessariamente há alguém em relação a quem eu sou o vizinho, e esse alguém terá que ser um vizinho também, ao menos em relação a mim. Ou seja, ninguém pode ser vizinho de si próprio. Vale frisar que a necessidade aqui referida não é de ordem puramente semântica ou linguística mas, sim, de ordem *metafísica*. Agora, predicados como 'descobriu o único .....' ou 'comeu o último.....' seriam 'atômicos' por não permitirem que outros objetos possuam a mesma propriedade. O mesmo será o caso de 'ser uma pedra'- a verdade de " 'x' é pedra" não depende de, nem acarreta " 'y' (também) é pedra" (Lembre-se que a consideração chave não é se mais de um objeto *pode* satisfazer o predicado, mas se haveria ou não *uma necessidade metafísica* que exige que pelo menos mais um objeto tenha a mesma propriedade).

Tendo definido 'anatômico' e 'atômico' em termos mutuamente excludentes, a tática de Fodor e LePore consiste em chamar de 'holística' qualquer propriedade que seja "muito anatômica" (p.2). Isto é, uma propriedade é holística quando atende à condição de que, se qualquer objeto possuir tal propriedade, *muitos outros* objetos também devem possuí-la ao mesmo tempo (Os autores consideram, *en passant*, a possibilidade de se definir melhor o quantificador 'muitos', porém não perseguem a questão por acharem que os argumentos que vão arrolar no resto do livro em nada dependem de tal resolução - uma decisão metodológica que certamente despertará maior discussão).

Isso posto, a questão central do empreendimento de Fodor e LePore torna-se : "Será que 'ser um signo', 'ser um signo pertencente a uma língua L', 'ter um objeto intencional', 'ter um conteúdo intencional', 'ter um referente', 'ser capaz de ser avaliado em termos semânticos' etc. etc. são propriedades atômicas ou anatômicas?" (p.2). Como já vimos, trata-se de uma pergunta que afeta diretamente praticamente tudo o que se faz em nome de filosofia da linguagem, linguística, ciência cognitiva etc. etc. Como já vimos também, a *opinion reçue* a respeito é a de que são, todas elas, anatômicas (isto é, para Fodor e LePore, mínima e potencialmente holísticas já que, por definição, anatomismo é holismo de menor possível grau - se bem que os próprios autores relutam em colocar a questão nesses termos). A contra-proposta de Fodor e LePore é de que nenhum argumento até hoje arregimentado a favor do holismo sobreviverá a exame minucioso - tese esta que eles fazem questão de frisar que é modesta e que não constitui, nem de longe, em uma defesa

do atomismo e, muito menos, uma prova definitiva a favor deste. Da mesma forma, avisam os autores, nada do que se diz no seu livro tem a pretensão de ser uma prova derradeira *contra* o holismo. Eles até admitem a possibilidade de que "de fato haja bons argumentos a favor do holismo semântico, só que nenhum deles foi identificado até hoje"(p.35). E acrescentam "we are non-committal; you choose"/"somos descompromissados; vocês é que vão escolher"(ibid). Donde, o sub-título do livro, bem a gosto das leis que regem a publicidade e o marketing na terra do Tio Sam, cujo lema se lê: "Não enganarás ninguém com falsa propaganda".

De qualquer forma, o sub-título do livro ressalta bem o que pretendem os dois autores. Depois de um capítulo introdutório chamado 'Uma geografia das questões' /'A geography of the issues', onde se mapeiam os contornos da terra a ser vistoriada e sondada, eles prosseguem para passar em revista algumas das mais destacadas e visadas propostas semânticas dos últimos tempos que, de uma forma ou de outra, apóiam-se na tese do holismo. São 6 capítulos seguidos (que constituem o restante do livro) onde são encarados, um por um, pesos pesados como Quine, Davidson e David Lewis e estrelas em ascensão como D.C. Dennett, Ned Block e Paul Churchland. Ou seja, nada mais precisa ser dito sobre o potencial devastador do desafio lançado neste livro - a não ser a situação irônica engendrada por '*Um guia para o comprador*' que explicitamente pretende *desestimular* o comprador em potencial.

No entanto, vale repetir de novo, nada há neste livro que derradeiramente comprove a inviabilidade de qualquer uma das teses semânticas em sua mira, e muito menos, acabe de vez com os bons tempos do holismo enquanto a única metafísica viável diante do desgaste do atomismo, apressado pelo desmoronamento do Círculo de Viena e, subsequente, do Positivismo Lógico que tanto lhe prestigiaram. O trabalho dos autores é muito mais cauteloso e se dirige no sentido de desfazer as bases de uma série de "certezas" que, segundo eles, têm ofuscado a apreciação das questões em sua verdadeira dimensão.

Entre tais supostas "certezas" está a idéia de que um questionamento da distinção kantiana entre enunciados analíticos e sintéticos, tal qual Quine o faz em seu "Two dogmas of empiricism" implica, sem mais nem menos, o holismo semântico. Para Fodor e

LePore, não só não procede tal raciocínio, como também não tem a menor força a alegação largamente aceita de que o holismo semântico seja o destino certo de quem se convenceu da tese do holismo de confirmação. Só para lembrar, o holismo de confirmação é aquele que diz que os chamados 'enunciados observacionais' nunca são verificados por fatos isolados e discretos no mundo externo, mas sim pelo mundo como um todo tal qual ele se apresenta aos nossos sentidos. Vale frisar que Fodor e LePore não se opõem à possibilidade de se inferir o holismo de confirmação a partir da premissa de que não há nenhuma justificativa para a distinção analítico/sintético; eles apenas questionam a atual tendência de concluir que daí para se chegar ao holismo semântico falta um só passo.

Tudo isso é, no entanto, apenas uma amostra. O livro está recheado de argumentos interessantes do gênero que se destacam pela agudez de raciocínio e clareza de exposição. O que não significa, é claro, que ele seja à prova de crítica. Muito pelo contrário, parece-me que faz parte do propósito dos autores deste livro provocar e tirar o sossego dos pesquisadores contemporâneos que, salvo pouquíssimas exceções, habituaram-se com determinadas teses amplamente aceitas hoje em dia e, talvez por este único motivo, tratam-nas não mais como posições a serem constantemente revistas, mas como se elas fossem verdades absolutas. A julgar pela primeira reação ao livro entre os estudiosos, aqui nos Estados Unidos, os autores não perdem por esperar para comemorar, pois contestação e questionamento certamente virão nos próximos meses. Em Rajagopalan (em preparação) procuro, ainda que tangencialmente, dar um primeiro passo nessa direção, refletindo sobre pelo menos um holista confesso, J.L. Austin, cuja obra filosófica venho estudando já há algum tempo, procurando mostrar como ele consegue evitar algumas das consequências indesejáveis do holismo de referência apontadas por Fodor e LePore.

E é nesse contexto mais amplo que gostaria de acrescentar mais algumas considerações rápidas sobre o livro que, no meu entender, certamente vão figurar nas futuras discussões sobre o assunto. Cabe, em primeiro lugar, uma pergunta: se é verdade que os próprios autores não reivindicam para seu livro nenhuma finalidade drástica a não ser a de simplesmente reabrir tópicos tidos como encerrados, não teria sido um exagero descabido compará-lo, como eu fiz no início deste trabalho, aos grandes momentos cataclísmicos do mundo do saber acadêmico como o teorema de Gödel e a resenha de Chomsky? Quanto ao teorema de

Gödel, não resta dúvida de que se trata de uma obra de mestre que selou de forma definitiva o destino de um projeto, sonhado por, entre outros, Frege e deixado como herança notadamente para o matemático inglês David Hilbert. Este último teve de acordar um belo dia para descobrir que não havia mais nenhuma razão para continuar o projeto de pesquisa que perseguira durante os últimos trinta anos. Não foi isso que aconteceu com a resenha que Chomsky fez do livro *Verbal Behavior* de Skinner, a segunda obra à qual procurei comparar o livro de Fodor e LePore. A grande diferença é que, se por um lado a crítica chomskiana, por não se constituir em uma *prova* contra o behaviorismo no sentido preciso e rigoroso deste termo, não conseguiu pôr fim a um projeto de pesquisa (se bem que Fodor e LePore falam dessa obra como se ela tivesse tido exatamente uma tal função. Ver p.78), ela certamente fez com que muitas áreas sentissem uma sacudida violenta. Isso porque até a publicação da crítica chomskiana, o behaviorismo gozou de uma soberania igualada pelo prestígio do holismo nos dias de hoje. O que não significa que o behaviorismo deixou de ser uma força depois da crítica de Chomsky, assim como, não é por causa da crítica de Fodor e LePore que o holismo não vai continuar a ser uma postura metafísica respeitada. Só que, daqui em diante não haverá mais como continuar a trabalhar no interior desses paradigmas, sem ao menos tomar conhecimento dessas vozes de alerta. Donde a certeza de que o livro estará em nossas agendas por muitos anos.

Um outro aspecto da importância deste livro que não posso deixar de registrar é que ele já conseguiu tumultuar o equilíbrio sempre precário das "alianças" caleidoscópicas que se verificam no mundo da filosofia analítica e nas áreas conexas como a lingüística e a psicologia que sempre mantiveram uma relação estreita com ela. Ou seja, o livro de Fodor e LePore conseguiu a proeza incrível de colocar contra a parede um grupo heterogêneo de guerreiros que nunca se entendiam entre si e impôs-lhes uma bandeira comum para defender. Assim, para se livrar da acusação de que estavam, o tempo todo, trabalhando sobre premissas pouco seguras e mal sustentadas, um austiniano que não se entende com um rortiano que não se entende com um davidsoniano que não se entende com um dummettiano que não se entende com um putnamiano — vai ter que esquecer suas diferenças e juntar esforços com todos os adversários de outrora para enfrentar a dupla de novos adversários para que, no caso de um eventual êxito, todos eles possam continuar a medir forças entre si para ver quem tem a razão. E como se não bastasse a necessidade de se fazer tal trégua na disputa interna no campo da

filosofia analítica, será preciso, em algum momento, travar uma batalha, quem diria, do mesmo lado em que também se encontram os estruturalistas de todos os naipes, inclusive os mais incômodos pós-estruturalistas do 'Continente' que também estão na mira de Fodor e LePore. Uma das conseqüências da proposta desses autores é de trazer à tona - se bem que de forma indireta - a força do desafio externalista em semântica, não só em relação às teses internalistas dentro do campo da filosofia analítica, mas também em relação à filosofia 'Continental' que certamente precisará re-examinar seus pontos de atrito a partir deste livro. (Assunto que merece maior discussão mas que deixo para uma outra oportunidade, devido à falta de espaço).

Há, contudo, uma profunda ironia nisso tudo. Pois, por mais paradoxal que pareça, o sucesso deste livro (a meu ver, já garantido) medido em termos da intensidade de seu impacto e da extensão da repercussão que deverá ter, vai, ao mesmo tempo, denunciar um certo fracasso de suas próprias metas! Ao colocar numa mesma panela teorias das mais variadas e de orientações heterogêneas sob a alegação de que todas elas compartilham da tese *não comprovada* de holismo, não estará o próprio livro, afinal de contas, fornecendo-nos uma prova contundente de que pelo menos a propriedade de ser holístico é ela mesma holística?

(Recebido em 24/05/1993)

#### NOTA

Muitas das idéias aqui desenvolvidas foram surgindo ao longo de discussões que mantive com colegas do Departamento de Filosofia da Universidade da Califórnia, Berkeley e, em especial, os participantes do grupo de Graduate Seminar em filosofia da linguagem. Pela absoluta impossibilidade de se saber a quem devo o quê, desisto da idéia de agradecer-lhes nominalmente. Não posso porém deixar de agradecer a CAPES que me propiciou essa oportunidade através de uma bolsa de pós-doutoramento (Processo No. 2715-92-7).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. (1940) The meaning of a word. IN: *Philosophical Papers*. Oxford: OUP. pp. 55-75.
- CHOMSKY, N. (1959) Review of B.F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, 35. pp.26-58.

- and Interpretation*. Oxford: Clarendon Press. pp. 17-36.
- FODOR, J. & E. LePORE (1992) *Holism: A shopper's guide*. Oxford, UK & Cambridge, Mass, U.S.A.: Basil Blackwell Inc.
- FREGE, G. (1984). On sense and reference. IN: *Collected Papers on Mathematics, Logic and Philosophy*. Oxford: Basil Blackwell.
- GÖDEL, K. (1931) On formally undecidable propositions of Principia Mathematica and related problems. Originalmente publicado em *Monatshefte für Mathematik und Physik*, vol 38. pp. 173-198.
- QUINE, W.V. (1953) Two dogmas of empiricism. IN: *From a Logical Point of View*. Cambridge, Mass: Harvard University Press. pp. 20-46.
- RAJAGOPALAN, K. (em preparação). Remarks on J.L. Austin's metaphysics. Texto a ser apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade da Califórnia, Berkeley, na forma de colóquio.
- WITTGENSTEIN, L. (1953). *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell.